

“Hora da Notícia” em três atos: Uma Análise Documental¹

Mateus Coelho Martins de ALBUQUERQUE²

Rondon Martim Souza de CASTRO³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Este trabalho tem por objetivo realizar um estudo sobre o programa “Hora da Notícia”, telejornal exibido pela TV Cultura na década de 70. Como recorte temporal, o trabalho utilizou-se dos períodos em que o telejornal foi dirigido pelos jornalistas Fernando Pacheco Jordão (1973-1974), Walter Sampaio (1974-1975) e Vladimir Herzog (1975), buscando analisar as diferenças entre as três gestões, principalmente quanto a influência da ditadura em suas produções. Pela heterogeneidade do *corpus* de pesquisa e pela sua perspectiva histórica, a metodologia utilizada no trabalho foi a da análise documental, portanto, esse artigo também pretende discutir a relevância do conceito de “documento” para os estudos comunicacionais.

Palavras-chave

Telejornalismo; Ditadura; Documento; História

INTRODUÇÃO

Em 1973, o jornalista Fernando Pacheco Jordão era contratado pela TV Cultura para assumir a direção de jornalismo da emissora. Contrata, para o cargo de editor, seu amigo e companheiro de Serviço Brasileiro da BBC (quando ambos moraram em Londres) Vladimir Herzog. Jordão e sua equipe fundam o telejornal “Hora da Notícia”, programa diário que se destaca pela linguagem que privilegia o depoimento popular e por um viés mais informativo, ao invés da mera propaganda governamental.

Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017

² Jornalista e Mestrando do Curso de Ciências Sociais da UFSM, email: mateusmartinsdealbuquerque@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFSM, email: rondonhamartia@gmail.com

A nova postura da emissora incomoda o então governador Laudo Natel, e o recém contratado presidente da Fundação Padre Anchieta, Antônio Guimarães Ferri. Jordão é demitido e Walter Sampaio assume o seu lugar, impondo uma linha editorial bem mais conservadora. Aos poucos, todos os membros da redação do “Hora” vão sendo demitidos, incluindo Herzog. Em 1975, com a saída de Laudo Natel e a chegada do novo governador, Paulo Egydio, deseja reformar a TV Cultura, com péssimos índices de audiência durante a gestão de Walter Sampaio. O novo presidente da Fundação Padre Anchieta, José Mindlim, convida Vlado a assumir o cargo de diretor de jornalismo da TV Cultura.

A TV Cultura, da qual fora expelido havia menos de um ano, o queria de volta, dessa vez para dirigir o Departamento de Jornalismo. O convite tinha o sabor de uma reparação, e talvez por isso, era irrecusável. Ao aceitá-lo, Herzog saiu do sonho de fazer cinema e, menos de dois meses depois, entrou num pesadelo. O caminho que escolhera não tinha volta. (DANTAS, 2011, p.69)

Sob a administração de Vlado, a TV Cultura volta à linha editorial adotada por Jordão, com avanços ainda mais acentuados. Isso rende críticas e perseguições por parte da imprensa especializada, principalmente do jornalista Cláudio Marques, ligado aos setores conservadores da sociedade. O jornalismo da Cultura também sofre ataques de deputados estaduais governistas, como Wadih Helou e José Maria Marin. Com a instauração da Operação Radar, que visava, dentre outros objetivos, caçar os comunistas infiltrados na imprensa, muitos jornalistas são levados ao interrogatório e à tortura. Entre eles Vladimir Herzog, filiado clandestino do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que é chamado ao interrogatório no DOI-CODI na manhã de 25 de setembro de 1975, onde seria assassinado sob circunstâncias misteriosas. Sua morte tornou-se símbolo do combate à repressão no Brasil.

O “Hora” é tipicamente representado como um jornal que apresentava diferenciações do restante do telejornalismo brasileiro da época. Audálio Dantas (2011) afirma jornal exibia matérias, intituladas de “escovões”, que agradassem o regime, para distrair a censura das matérias sérias que problematizavam fatos da atualidade. Audálio cita casos que mostram que um dos principais diferenciais da reportagem do “Hora da Notícia” era mostrar o jornalismo do ponto de vista das pessoas, dos envolvidos, e não

distanciado. O jornal chegou a angariar de três a quatro por cento da audiência, considerado pelo autor um sucesso na época.

A contratação do jornalista Walter Sampaio entre as passagens de dois jornalistas identificados com um campo mais opositor ao regime (Fernando Pacheco Jordão e Vladimir Herzog) dá ao curto período entre 1973 e 1975 um caráter de mudança. Tivemos três linhas editoriais opostas em um curto espaço de tempo figurando no telejornal, o que justifica esse recorte temporal como um bom espaço de tempo para se analisar quais eram as principais características dos telejornais e se o conhecido posicionamento de seus editores influenciava de alguma maneira na construção das matérias. Este é o principal objetivo deste trabalho.

METODOLOGIA

A racionalização sobre o período passa por uma avaliação do escopo dos telejornais, um escopo aqui bastante variado. O termo “variado” aqui não é usado por mero acaso: uma das principais dificuldades desta análise é a extensa variabilidade dos objetos, apresentados de diferentes fontes e diferentes formas. Era necessário, antes, um caminho metodológico prévio que contemplasse todos os *corpus*, a fim de retirar os materiais necessários para que realizemos o nosso estudo dialético.

Mas que *corpus* é esse? Conseguimos amostras do “Hora da Notícia” de maneiras variadas. Solicitamos à própria Fundação Padre Anchieta amostragens dos telejornais da época. Infelizmente, muito do arquivo se perdeu, sobrando apenas alguns excertos. Conseguimos um *script* completo de um “Hora da Notícia” durante o período em que Walter Sampaio foi diretor de jornalismo da emissora. Além disso, conseguimos assistir a uma matéria datada logo após o tempo em que Fernando Jordão foi diretor de jornalismo da emissora, com Vlado como editor e boa parte da sua equipe sob sua administração.

Os dois períodos são muito importantes para compreendermos as mudanças no telejornalismo da Cultura, e levarmos essas ponderações à nossa síntese. Porém, os documentos reunidos não incluem o período de dois meses em que Vlado dirigiu o jornalismo. A análise poderia ser prejudicada por esta lacuna. A solução encontrada foi usar o trecho de *script* do “Hora da Notícia” reproduzido no livro “Meu Querido Vlado”, de Paulo Markun. Apesar de não ser um *script* completo, esperamos que a

própria metodologia, novamente, uniformize as variáveis em termos de linguagem e conteúdo sob a égide documental.

A perspectiva aqui adotada é a do documento. Ora, se este é um trabalho que se pretende contribuir para os estudos em história da comunicação, analisar os objetos sob uma perspectiva histórica se faz necessário. Biografias, relatórios de entrevista, scripts antigos de telejornais, são documentos, registros escritos que permitem, através de uma metodologia adequada, reconstruir a história. André Cellard, autor aqui usado como fonte para essa construção metodológica, define documento da seguinte maneira:

De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte”, como é mais comum dizer atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho, registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc. No limite, poder-se-ia até qualificar de “documento” um relatório de entrevista, ou anotações feitas durante uma observação, e etc. (CELLARD, p.267, 2010)

Segundo o próprio CELLARD (2010), o método consiste em, ao captar um documento, analisá-lo em quatro partes diferentes, a fim de captar a essência do que ali está: o “contexto”; o “autor (ou os autores)”; a “autenticidade, a confiabilidade e a natureza do texto” e os “conceitos-chave e as lógicas internas do documento”. Após definidos esses cinco elementos, o pesquisador parte para a análise, onde ele vai tirar as conclusões a partir das cinco partes antes separada, como linhas auxiliares.

Logo, ao selecionarmos os trechos das biografias, ou mesmo extrair informações dos scripts telejornalísticos, a pergunta matriz que guia esse trabalho deve estar sempre posicionada como um norte para a análise: queremos descobrir o papel da atuação de Vladimir Herzog no jornalismo da TV Cultura no drástico enredo de sua morte. Encontrar diferentes posicionamentos para essa questão é essencial para o desenvolvimento da análise dialética posterior.

Antes de passarmos para os objetos, vamos dissecar um pouco as seis partes de Análise Documental. O “contexto” se refere à realizar uma série de apontamentos sobre o ambiente histórico, social, geográfico, econômico e político em que determinado documento foi elaborado. “O exame do contexto social global, no qual foi produzido o

documento e no qual mergulhava seu autor e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, em todas as etapas de uma análise documental” (CELLARD, p.299, 2010).

A parte que analisa “o autor ou os autores” se refere não somente a analisar e descrever quem foi o indivíduo ou grupo que redigiu aquele texto, mas também estudar em nome de quem ou do que esse autor fala, configurando aqui também em uma análise dos interesses postos e das relações de influência na produção do documento. O setor de “autenticidade, confiabilidade e natureza do texto” dialoga também com essa parte, uma vez que é necessário elencar qual o grau de envolvimento para se concluir se houve afastamento de todo e qualquer envolvimento do autor com o objeto do documento ou se sua atuação foi influenciada diretamente. Ter uma real compreensão do autor e do seu papel com o documento nos ajuda a responder perguntas como se os autores:

Foram testemunhas diretas ou indiretas do que eles relatam? Quanto tempo decorreu entre o acontecimento e a sua descrição? Eles reportaram as falas de alguma outra pessoa? Eles poderiam estar enganados? Eles estavam em posição de fazer esta ou aquela observação, de estabelecer tal julgamento? (CELLARD, p.301, 2010)

Estudar a “natureza do texto” se refere a estudar o tipo de documento inserido, qual a fonte que ele surge para se adaptar ao contexto analisado anteriormente. Esse aspecto se coloca no meio termo entre o contexto e a autenticidade, pois aqui cabe considerar que existe sim um viés tendencioso em todo e qualquer texto, e o seu local de origem (e aqui não me refiro apenas à perspectiva geográfica) é o que denota isso.

A última das quatro partes, e talvez a mais importante para a análise, é a de expressar os “conceitos-chaves e a lógica interna do texto”, onde se mapeiam quais as temáticas principais que cercam o texto. “Certamente, o trabalho de análise preliminar não poderia estar tão completo e, por tanto tempo, que o pesquisador não tivesse o sentimento de ter compreendido satisfatoriamente o sentido dos termos empregados pelo autor ou os autores de um texto” (CELLARD, p.302-303, 2010). No caso do nosso trabalho, há uma relação de causa e consequência aqui posta, pois os conceitos-chave devem ser congruentes nos diferentes documentos. É daqui que extrairemos os termos para a nossa análise posterior.

Após lidos esses aspectos, passa-se à análise, que é o texto final, onde se concentra as principais informações e conclusões a serem percebidas pelo texto. O

principal papel aqui é o de unir fatos que antes estavam desconexos, fragmentos, para se descobrir as realidades que ficam ocultas nas diferentes formas de documento. No caso particular do nosso estudo, a análise acompanhará de um resumo dos trechos extraídos da biografia, pela pouca praticidade de reproduzi-los. De novo, o grau de variedade dos objetos estudados necessita de um método que una esses diferentes fractais. A leitura atenta, detalhada e contextualizada dos documentos é o que cumprirá essa função. Todos esses processos foram considerados na produção das análises de cada documento, que serão reproduzidas aqui neste trabalho. Os demais processos não serão reproduzidos por questão de espaço.

É necessária também uma definição dos aspectos teóricos e históricos que abarcam as produções telejornalísticas da época. No trabalho de MATTOS (2010), o período se enquadra no que ele chama de “Período Populista”, onde a expansão da TV se deu amplamente por financiamento bancário, em um período histórico em que o sistema bancário estava intensamente regulado pelo Regime Militar. Além disso, o Ato Institucional de Número 4 proibiu estrangeiros de possuírem concessões de rádio e televisão, e condicionou a aprovação das concessões a uma conferência das contas do interessado. Essas decisões econômicas foram essenciais para a mudança da linguagem: a adoção de um modelo que, por obrigatoriedade, deveria ser nacional e empresarial.

REZENDE (2010) por sua vez, vai apontar que o período pode ser enquadrado como o chamado “Telejornalismo de redes” com o surgimento de grandes cadeias centralizadoras e com o Jornal Nacional sendo a principal referência prática. O próprio pesquisador vai apontar que o “Hora da Notícia” surge como uma exceção a esse modelo, um resgate ao telejornalismo das cidades. Sobre as interferências do Regime Militar e suas consequências no imaginário popular do telejornalismo, COUTINHO e MATA (2010) vão trazer a perspectiva de que a nacionalização das redes gerava o conceito da “transmissão simultânea” por acordos de filiação, reduzindo o papel regional na abordagem telejornalística. Esse modelo seria a materialização do desejo da integração nacional, tendo contado com a intervenção militar desde o início e favorecendo o empresariado nacional, principalmente o residente em regiões mais favorecidas economicamente, como o sudeste, que teriam a sua produção nacionalizada para todos os locais do Brasil.

ANÁLISE

1- Reportagem do “Hora da Notícia” de 31/7/1974

Análise

A matéria aborda uma reorganização no estacionamento do Parque do Ibirapuera. Com a mudança, o parque passaria por uma reforma paisagística, privilegiando mais o verde de flores e árvores novas a serem plantadas. Além disso, o estacionamento seria fechado para tráfego nos finais de semana, virando uma área de passeio. Parte do estacionamento seria usada no trabalho de paisagismo, reduzindo o seu tamanho. A matéria não possui a figura do repórter em frente à câmera, sendo narrada pelos próprios âncoras. Depois, entra a primeira fonte, o renomado paisagista Roberto Burle Marx, um dos responsáveis pelo projeto. Burle Marx comenta que o projeto seria vantajoso porque São Paulo precisaria de mais parques.

Em *off*, os apresentadores mostram o projeto, com descrições das vegetações e dos setores culturais que serão implementados com a mudança. Imagens das maquetes acompanham a narração, além de imagens do próprio parque. Até aqui, a matéria contradiz a tese de que aquela produção seria diferenciada de uma merda propaganda governamental, ou simplesmente a produção de um jornalismo institucional. As diferenças começam a surgir quando a matéria aborda a questão do estacionamento ser fechado para passeio nos finais de semana.

A primeira fonte entrevistada é um motorista anônimo, em seu carro. O motorista afirma que isso será bom para os fins de semana, mas que na semana seria impossível adotar algo deste tipo, pois poderia atrapalhar a sua rotina. Uma chamada em *off* introduz que os que mais tem reclamado da nova medida são os proprietários das autoescolas paulistas. Um destes donos entra em quadro, comentado que, nos finais de semana, o Ibirapuera era o melhor ambiente para se praticar com os estudantes. Outro dono também protesta, argumentando que se deveriam combater os “vagabundos” e os “malandros” nos parques, não as autoescolas.

Voltamos para os âncoras no estúdio. Costumeiramente isso demarca o fim de uma matéria telejornalística, mas aqui o recurso serviu para substituir o artifício da “passagem”, já que a matéria não conta com a presença de um repórter na primeira

pessoa. Os âncoras anunciam uma nova perspectiva: a das prostitutas que frequentam o parque. A câmera volta para a cena, onde um grupo de prostitutas se alinha, com uma mais à frente, dando o seu depoimento. A moça, fala abertamente sobre como a medida irá prejudicá-la, já que o Ibirapuera era um dos poucos locais seguros para se prostituir durante o dia. Além disso, ela reitera que isso ampliaria a dificuldade de se prostituir na rua, já que a concorrência vinda das boates destinadas à prostituição estava cada vez mais intensa.

E a matéria termina. Como apontamos em um dos itens anteriores, a matéria possui cinco fontes entrevistadas. Uma delas pode ser considerada oficial (Burle Marx), apesar de não ser uma autoridade representativa do Governo do Estado de São Paulo. As outras quatro são cidadãos que, de diferentes maneiras, teriam as suas vidas alteradas positivamente ou negativamente pela medida. Um dos pontos mais importantes a serem abordados aqui é a amplitude de perspectivas que a matéria trás. É notório o fato da matéria falar abertamente de prostituição, a tratando como mais uma profissão, com implicações econômicas de qualquer outro ofício, em 1974

Para além disso, o ponto de vista dos proprietários de autoescola é interessante também para mostrar a variedade de utilidades que o estacionamento pode ter para diferentes pessoas. Assim, a matéria traz a informação, e a explicação sob uma perspectiva oficial e técnica, mas também se conectou com os sentimentos daqueles que estariam diretamente envolvidos. O fato de não haver um repórter em primeira pessoa aumenta a sensação de que os depoimentos são o foco da exibição, já que não há uma figura de “protagonismo” na tela. O repórter fala em quantidade reduzida na matéria, sendo as fontes as que têm mais voz no tempo de reportagem. Figuras oficiais aparecem em menor quantidade, dando o maior destaque à figuras populares, que podem ter a sua vida interferida pela pauta.

A televisão é, por excelência, um espaço enunciativo que privilegia narrativas que se voltam para o que vem sendo chamado de história do presente, o conjunto de fatos cotidianos da vida social do país. James Carey considera estes relatos como uma forma cultural que pode ser compreendida historicamente porque institucionaliza a consciência cultural de uma sociedade. No caso do jornalismo, a narrativa dramatiza as ações e oferece ao leitor não apenas conteúdos, mas um modo de vivenciar relações sociais. (MOTA, 2010, p.161)

A matéria confirma a tese de que o jornalismo de Jordão e Vlado (este primeiro representado por sua equipe e o último como editor do telejornal) em 1974 tinha no depoimento popular a sua âncora produtiva de um jornalismo diferente. A emissora estatal estava noticiando as ações do Governo, mas também mostrando diferentes pontos de vista, inclusive críticos. Se formos tomar como base a literatura que conta a história do telejornalismo no período, podemos concluir que este é um tratamento diferenciado da produção da época, mais sisuda e alinhada com o discurso oficial. É possível supor também que esta linha era ainda mais radical nos meses anteriores, quando Jordão estava no comando do jornalismo da emissora, e fora demitido, justamente, por não se alinhar com o desejo do Regime no estado de São Paulo.

2- Script do “Hora da Notícia” de 01/07/75

Análise

O telejornal contém, ao todo, 18 notícias exibidas, com temáticas, formatos e tons diferentes. No quadro abaixo, é possível se ter um melhor horizonte da montagem do “Hora da Notícia” naquele início de julho de 1975:

Tabela 1 - Tema e tom das matérias do “Hora da Notícia” de 01/07/1975

Tema	Formato	Páginas	Informações Adicionais
Cassação do Senador Wilson Campos com base no AI5	Cabeça introduzindo matéria	0,5	Tom neutro
Absolvição de uma prefeita do interior acusada de “seduzir um homem casado	Cabeça Introduzindo matéria	0,5	Tom neutro
Incêndio em um edifício no centro da capital paulista	Matéria narrada pelos âncoras, com imagens alternadas	2	Uso de adjetivos negativos
Mapeamento dos pontos turísticos dos municípios de São Paulo	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	1	Tom neutro
Parceria entre CESP e Alemanha para uma Usina Nuclear em São Paulo	Matéria narrada pelo âncoras, imagens e sonoras alternadas	1	Tom neutro
Quadruplicação da Dutra	Matéria narrada pelo âncoras, imagens e sonoras alternadas	1	Uso de adjetivos positivos
Sintetizadores eletrônicos de música	Matéria narrada pelo âncoras, imagens e sonoras alternadas	1,5	Entretenimento
Campanha de vacinação contra meningite	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	0,5	Tom neutro
Criação do plano de carreira do magistério municipal	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	0,5	Tom neutro
Ídi Amin desiste de executar o escritor inglês Dennis Hall em Uganda	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	0,5	Uso de adjetivos negativos
Índira Gandhi anuncia novo plano econômico na Índia	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	1	Uso de adjetivos negativos
Gabinete misto, formado por seis membros, assume o governo do Líbano	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	0,5	Tom neutro
Jornal socialista “República” se reúne com seus funcionários rebelados em Portugal	Matéria narrada pelos âncoras, com imagens alternadas	1	Uso de adjetivos negativos
Prefeito de Nova Iorque demite 19 mil funcionários públicos	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	0,5	Tom neutro
Espanha envia tanques e mil soldados contra o Marrocos	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	1	Tom neutro
Um ano da morte de Perón, na Argentina	Matéria narrada pelos âncoras, sem imagens alternadas	3	Uso de adjetivos negativos
Extensão do funcionamento das escolas públicas paulistas durante as férias	Matéria narrada pelo âncoras, imagens e sonoras alternadas	6	Uso de adjetivos positivos

Fonte: Arquivo TV Cultura

Sete destas matérias são notícias internacionais, uma é nacional e o restante das outras dez tem caráter local. O grande número de matérias internacionais é impressionante, mas é importante fazer o adendo que eram matérias curtas, como notas, sem inserções diferenciadas. A exceção fica a cargo da matéria do um ano da morte de Perón, que é usada para exemplificar a situação caótica do governo de Isabelita Perón

na Argentina. Apenas uma notícia nacional também é algo a se notar, para um jornal que, apesar de ser produzido em São Paulo, era transmitido em cadeia para emissoras afiliadas. Esse modelo mais local vai na contra-mão do que é falado na nossa leitura sobre o telejornalismo brasileiro nos anos 70, algumas páginas acima, que privilegia a nacionalização da notícia.

Essa matéria nacional é sobre a cassação do senador pernambucano Wilson Campos, bem como a cassação dos direitos políticos do industrial Carlos Alberto Menezes de Sá e do ex-presidente do Banco de Pernambuco Romero do Rego Barros. Ambos estiveram envolvidos no “Caso Moreno”, de financiamento irregular da produção de algodão das indústrias de Sá por parte do Banco, com a mediação do senador. A cassação se deu através do AI5, e a própria chamada atenta para isso, mas sem perder o tom neutro. A notícia entra após a chamada dos âncoras, algo raro no “Hora da Notícia”.

No geral, o telejornal fazia pouco uso de adjetivos no seu script, adotando um tom neutro em sua construção. O tom negativo é usado apenas para falar de terceiros (como o governo argentino) ou para reforçar conceitos públicos, como a expressão “drama”, repetida duas vezes na matéria sobre o incêndio na capital paulista. O tom positivo é usado na última e mais longa matéria, sobre um projeto do governo paulista de extensão do funcionamento das escolas públicas na periferia durante as férias, para ocupar as crianças. A matéria ocupa mais de 20% do *script*, e amplia a questão em várias nuances, todas positivas. É, sem, sombra de dúvida, uma exaltação à um projeto governamental. Um destaque interessante a se fazer é a notícia sobre a vacinação contra a meningite, usando o tom neutro em sua redação e ocupando apenas meia lauda do script.

No ano anterior, a notícia de que havia um surto de meningite na capital paulista foi um dos grandes motivadores da demissão de Fernando Jordão, já que ele publicara a notícia no jornal sem a autorização do governo do estado, que temia geração de pânico na população (mesmo que isso não a informasse do que seria necessário para se prevenir ou remediar a doença). Segundo MARKUN (2005), o governador Laudo Natel pediu expressamente para que esta notícia não fosse veiculada. Como a equipe exibiu a notícia mesmo assim, o então diretor da Fundação Padre Anchieta (que administra a TV Cultura) José Bonifácio Nogueira foi exonerado do cargo. Após o episódio, o novo diretor da emissora, Antônio Guimarães Ferri, demitiu Fernando Pacheco Jordão.

O “Hora” de julho de 1975 era um jornal que usava poucas fontes e elas eram, integralmente, fontes oficiais. Talvez o que mais se note de diferença em relação à produção de 1974 seja justamente a questão do depoimento popular, base organizativa da edição anterior e agora desaparecida. O jornal também dava pouco espaço para variedades e cultura, havendo apenas uma matéria com esse enfoque (a da chegada dos cursos de sintetização sonora). A falta de contraponto também é notada (muito relacionada ainda à falta de sonoras), já que matérias como a da projeção de uma instalação nuclear no Brasil, são tratadas com uma neutralidade asséptica.

O noticiário internacional, apesar de ser creditado no quadro como “tom neutro”, serve como um reforço ao *status quo*, já que as notícias negativas vêm, quase que inteiramente, de países subdesenvolvidos marginalizados em relação às grandes estruturas internacionais. Não há aqui uma manutenção da felicidade geral (embora possa se elencar um pouco disso pelo fato de o programa terminar com uma notícia “positiva”), já que notícias negativas (como a do incêndio) foram transmitidas, porém a de se refletir que, no geral, a edição contribui pouco para a reflexão do telespectador, sendo apenas informativa. Assim sendo, é sim possível afirmar que, em relação à 1974, esta edição do “Hora da Notícia” contribui para a manutenção do *status quo*, juntamente com os outros telejornais da época.

3- Trecho do *script* do “Hora da Notícia” com data indefinida, publicado no livro “Meu Querido Vlado”, de Paulo Markun

Análise

A matéria fala sobre o encerramento da convenção nacional da Aliança Renovadora Nacional, a ARENA, partido que representava o *status quo* durante o bipartidarismo imposto pelo Ato Institucional de número 2, instuído em 1965. O ponto de partida é o discurso do Presidente Ernesto Geisel, proferido ao fim da convenção. Em seu discurso, Geisel pediu que os membros do partido abrissem mão de interesses pessoais em prol da ARENA. Otimista, afirmou que a Arena se sairia bem nas eleições municipais de 1976 e parlamentares de 1978. Ainda pregou contra a corrupção e rogou por uma melhoria no sistema judiciário brasileiro.

O telejornal conecta esta notícia com a de que a convenção do Movimento Democrático Brasileiro (MDB, a oposição do bipartidarismo brasileiro) chegava ao seu fim, com discurso de encerramento realizado pelo presidente do partido, o deputado Ulysses Guimarães. Um trecho do discurso é mostrado. O discurso do deputado, em

tom poético, evoca que a oposição representa do Brasil na luta para que as reivindicações da população sejam garantidas. Conclui sua fala com um grito de guerra que entoa que “a nossa luta continua”.

Essa notícia se interconecta imediatamente já com outra notícia, a de que, em ambas as conferências, o *status quo* interno dos partidos saiu vitorioso (nas figuras e Geisel e Ulysses), apesar de se citar que houve uma organização para se criar uma oposição contra Ulysses Guimarães. O trecho final do *script* denota algumas das diferenciações da matéria que pretendemos abordar aqui:

FABBIO: As convenções não responderam a uma importante questão política: o futuro do sistema partidário brasileiro. Arena e MDB continuarão a existir ou o governo favorecerá a criação de outros partidos? Em Brasília, *Hora da Notícia* ouviu a opinião do vice-presidente do MDB. (MARKUN, 2005, p.90)

Percebe-se que o principal destaque que daremos aqui é o conceito de transição entre as matérias, criando uma sensação de causa e consequência entre elas. Esse conceito vai além, na nossa busca pela combatividade presente no programa, quando analisamos do ponto de vista comparativo. O discurso mais enérgico de Ulysses Guimarães é mostrado (um trecho), enquanto o de Geisel é apenas citado. A hegemonia na Arena é retratada de modo fatalista, enquanto, no MDB, se abre espaço para debater que haviam grupos internos se organizando contra Ulysses: em um a hegemonia é causa do próprio processo, enquanto em outro, constantemente disputada no modelo democrático.

Por último, é importante citar a ideia de que esse trecho leva a notícia, pontual, factual, para o questionamento mais amplo. A notícia (ou as notícias) é a de que as convenções estavam se encerrando e os pensamentos hegemônicos em ambos os partidos se mantiveram. A maneira como as notícias se interligam leva, no final, ao questionamento sobre todo o sistema bipartidário brasileiro. Infelizmente o trecho se encerra com essa informação (a chamada da sonora do vice-presidente do MDB), sem sabermos como o *script* desenvolveu essa parte, mas só o fato de que ambas as notícias discorrem para um questionamento sobre o próprio sistema partidário como um todo nos leva a refletir sobre como o jornalismo de Vlado não tinha a mera intenção de contar notícias, mas também de transitá-las para questões mais amplas sobre o papel do cidadão.

CONCLUSÕES

Analisando os três documentos que compreendem em três diferentes períodos do telejornal podemos inferir que as linhas editoriais se alteraram de maneira clara, principalmente no período que compreendeu a saída de Fernando Pacheco Jordão e a chegada de Walter Sampaio ao veículo. É importante notar que esta mudança não se dá por caracteres implícitos, como se o telejornalismo praticado por Herzog e Jordão fosse um verdadeiro manifesto contra o regime, e sim por escolhas redacionais explicitadas pela nossa análise documental, principalmente no que tange à valorização do depoimento popular em detrimento da voz oficial e à interconectividade entre os fatos noticiosos.

É importante ressaltar as limitações deste processo, como, por exemplo, a diferenciação entre a grandeza dos escopos analisados. Temos uma matéria, um *script* e uma parte de um *script*. Os três, mesmo que sejam homogeneizados na perspectiva do documento (o que, em parte, resolve o problema apresentado pelo fato de um dos objetos não se apresentar como um texto, em papel, e sim como um produto em audiovisual), ainda apresentam grandes diferenças quanto ao alcance. Por outro lado, esse aspecto é atenuado pelo estudo dos contextos históricos presentes em cada um dos objetos que, mesmo que não tenham sido detalhados aqui, ajudaram a compreender melhor como e onde se encaixam esses produtos de Comunicação Social.

Esse trabalho pretendeu contribuir para os estudos históricos da comunicação, principalmente no que tange à repressão e censura ocorridos durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Compreender que sim, havia uma diferenciação metodológica e prática no jornalismo praticado por Fernando Pacheco Jordão e Vladimir Herzog nos auxilia a apreender sobre o real papel desse jornalismo nas perseguições sofridas por ambos – principalmente Vladimir Herzog.

REFERÊNCIAS

DANTAS, A. **As duas guerras de Vlado Herzog – Da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012;

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008;

MATTOS, Sergio. A Evolução Histórica da Televisão Brasileira. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos do telejornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2010;

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV Brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos do telejornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2010;

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan. Dos personagens à incorporação do público: uma análise sobre o lugar do cidadão no telejornalismo. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos do telejornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2010;

MOTA, Célia Ladeira. Imagens do Brasil: televisão e memória social. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos do telejornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2010;

MARKUN, Paulo. **Meu Querido Vlado. A História de Vladimir Herzog e do Sonho de uma Geração.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.